

Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

Ansiedade, angústia e vulnerabilidade em Carl Rogers: pesquisa conceitual

Anxiety, anguish, and vulnerability in Carl Rogers: A conceptual research

**Ansiedad, angustia y vulnerabilidad en Carl Rogers: investigación
conceptual**

Paulo Coelho Castelo Branco¹ & Virgilio Soares Luna Coelho²

¹ Universidade Federal do Ceará. *E-mail:* pauloccb branco@gmail.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0003-4071-3411>

² Universidade Federal do Ceará. *E-mail:* virgilioluna12@alu.ufc.br *ORCID:* <https://orcid.org/0009-0003-7106-9881>

Informações do Artigo:
Paulo Coelho Castelo
Branco
pauloccb branco@gmail.com

Recebido em: 06/05/2024
Aceito em: 21/07/2024

RESUMO

Este estudo objetiva analisar as noções de ansiedade, angústia e vulnerabilidade em Carl Rogers. Emprega o método de pesquisa conceitual nas versões originais e traduzidas de três textos clínicos de Rogers publicados na década de 1950. Os principais achados são estes: originalmente, o termo angústia não existe em Rogers e se trata de um problema de tradução que pode incorrer em leituras meta-rogerianas fenomenológico-existenciais; as noções analisadas remetem a estados tensionais de desajustamento psicológico e incongruência; existe uma evolução teórico-conceitual para explicar esses estados; as noções estão situadas em uma fundamentação funcionalista, personalista e gestáltica.

PALAVRAS-CHAVE:

Angústia; Ansiedade; Carl Rogers; Terapia Centrada no Cliente; Vulnerabilidade.

ABSTRACT

This study aims to analyze the notions of anxiety, anguish, and vulnerability in Carl Rogers. It employs the conceptual research method in the original and translated versions of three clinical texts published by Rogers in the 1950s. These are the main findings: originally, the term anxiety does not exist in Rogers and it is a translation problem that may incur phenomenological-existential meta-Rogerian readings; the notions analyzed refer to tensional states of psychological maladjustment and incongruence; there is a theoretical-conceptual evolution to explain those states; the notions are situated in a functionalist, personalist, and gestalt foundation.

KEYWORDS:

Anguish; Anxiety; Carl Rogers; Client Centered Therapy; Vulnerability.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar las nociones de ansiedad, angustia y vulnerabilidad en Carl Rogers. Emplea el método de investigación conceptual en las versiones originales y traducidas de tres textos de Rogers publicados en la década de 1950. Los principales hallazgos son: originalmente, el término angustia no existe en Rogers y se trata de un problema de traducción, que puede incurrir en lecturas fenomenológico-existenciais; las nociones analizadas hacen referencia a estados tensionales de desajuste psicológico e incongruencia; existe una evolución teórico-conceptual para explicar estos estados; las nociones se sitúan en una fundamentación funcionalista, personalista y gestáltica.

PALABRAS CLAVE:

Angustia; Ansiedad; Carl Rogers; Terapia Centrada en el Cliente; Vulnerabilidad.

No sistema teórico e clínico de Carl Rogers, a partir da leitura de suas obras em português brasileiro, encontram-se as expressões de *ansiedade* e *vulnerabilidade* (Rogers, 1957/2020) e de *angústia* e *vulnerabilidade* (Rogers, 1959/1977). Estes termos fazem parte do quadro de trabalho rogeriano, pois remetem a um entendimento que constitui o olhar e a escuta do psicoterapeuta sobre o que acomete o cliente em termos da desorganização de sua personalidade (Rogers, 1951/1992).

Na literatura brasileira, há indicações de que os termos ansiedade e angústia são sinônimos, porém sem desenvolver o motivo disso (Gobbi et al., 2002; Ximenes Neto & Ponte, 2018). Ainda no cenário nacional, algumas noções de Rogers foram aprofundadas em ensaios teóricos que colocaram à tona diversos entendimentos sobre a clínica rogeriana, como os fenômenos do contato na terapia (Miranda, 2021), da consideração positiva incondicional (Almeida, 2009), da compreensão empática (Fontgalland & Moreira, 2012) e da angústia (Ximenes Neto & Ponte, 2018), por exemplo. Em comum, esses estudos são teóricos e versam diretamente sobre as obras de Rogers. Entretanto, no que concerne aos fenômenos da ansiedade e da vulnerabilidade, não há estudos metodologicamente situados em um âmbito teórico-conceitual, apesar de os mencionados termos estarem concernidos no dicionário da abordagem centrada na pessoa (Gobbi et al., 2002).

Diante desse cenário, pergunta-se: será que tudo o que tinha de ser dito/escrito sobre a ansiedade, angústia e vulnerabilidade em Rogers se esgotou? O que ele disserta sobre esses fenômenos clínicos? Quais as suas influências para pensar sobre eles? O que pode ser elucidado a partir de uma revisão sobre essas noções? Com o intento de produzir respostas a essas perguntas, este estudo objetiva analisar as noções clínicas rogerianas de ansiedade, angústia e vulnerabilidade.

Método³

Trata-se de uma pesquisa teórica em Psicologia que usou o procedimento de interpretação conceitual de texto (Laurenti & Lopes, 2016). Ressalta-se que se entende a *teoria psicológica* como um corpo de conhecimentos acerca de um fenômeno psicológico. Este corpo é composto por um conjunto coerente e integrado de enunciados verbais escritos em uma trama

³ Os autores agradecem aos discentes voluntários que ajudaram na coleta dos dados desta etapa da pesquisa Dávila Vitória Pereira Paulino, Gabriela Mahara Cavalcante Aguiar, Lana Carolina Silva Pereira, Lara Castelo Branco de Araujo, Rodrigo Ferreira Maciel e Sophia da Cunha Geraldo Costeski.

conceitual que expressa definições (explicações e descrições) que ajudam e direcionam o leitor a entender tal fenômeno. O *procedimento de interpretação conceitual de texto* se trata, portanto, de um modo de abordar e interpretar uma teoria psicológica, de modo a negociar o que o autor escreveu, o que se leu sobre isso e o que se desdobra dessa leitura a partir de entendimentos que partem do texto e vão para além dele (Laurenti & Lopes, 2016).

Para os fins desta pesquisa, em uma ótica internalista ao pensamento rogeriano, demandou-se um estudo dos conceitos de ansiedade, angústia e vulnerabilidade nas principais obras clínicas de Rogers situadas na década de 1950, período em que ele consolidou a sua teoria e prática centrada no cliente. Foram selecionadas as seguintes obras: o livro “Terapia Centrada no Cliente” (Rogers, 1951/1992); o artigo “As Condições Necessárias e Suficientes para a Mudança Terapêutica da Personalidade” (Rogers, 1957/2020) e a segunda parte do livro “Psicoterapia e Relações Humanas - Volume 1”, escrita por Rogers (1959/1977), sob o título de “Teoria e Pesquisa”. O critério de escolha foi por esses escritos estarem publicados em português brasileiro e por eles estarem acessíveis ao público pelo meio impresso e digital, proporcionando um acesso à teoria e prática centrada no cliente em sua circulação nacional. Em paralelo, foram consultadas, também, as obras originais de Rogers (1951; 1957; 1959), no formato digital, com a finalidade de se aproximar do texto do autor em comparação ao que foi traduzido dele.

Os termos ansiedade (*anxiety*), vulnerabilidade (*vulnerability*) e angústia (*anguish*), e as suas iniciais (*ansi*, *vulne*, *angúst*, *anx* e *ang*) foram acessados e identificados na sequência temporal das obras, com o amparo do comando “Ctrl+F” para pesquisa de conteúdo nos documentos no *software* do arquivo em *portable document format* (PDF). As ocorrências foram registradas a partir de: nome do capítulo em que se encontra; página; apreensão do trecho em termos de citação direta; mapeamento de conceitos relacionados (em termos de primários

e secundários); referências indicadas para fundamentar a parte apreendida; síntese explicativa sobre a ideia do que estava escrito (Lopes & Laurenti, 2023).

Em seguida, os resultados foram distribuídos em tabelas que esquematizaram as teses clínicas rogerianas sobre os fenômenos de ansiedade, angústia e vulnerabilidade, de modo a possibilitar um ponto de vista geral e organizado, sem a necessidade de retornar ao texto.

Finalmente, procederam-se sínteses interpretativas sobre as explicações e relações conceituais dos fenômenos em tela. Em uma ótica internalista às obras rogerianas consultadas, essas sínteses estão expressas nos resultados deste artigo. Ressalta-se que isso possibilitou uma ponte para tecer uma análise externalista ao pensamento rogeriano, que está disponível na discussão dos resultados. Para fins didáticos de elucidação nos tópicos seguintes, optou-se por conservar a exposição das noções examinadas a partir das traduções ao português brasileiro, porém indicando entre parênteses e colchetes as terminologias apreendidas no texto estrangeiro.

Resultados

Na obra “Terapia Centrada no Cliente” (Rogers, 1951/1992) existem as seguintes ocorrências dos termos visados: ansiedade ($n=42$); angústia ($n=6$); vulnerabilidade ($n=5$); Vulnerável ($n=2$). No artigo “As Condições Necessárias e Suficientes para a Mudança Terapêutica da Personalidade” (Rogers, 1957/2020), encontram-se: ansiedade ($n=4$) e Vulnerável ($n=4$). E no livro “Psicoterapia e Relações Humanas - Volume 1” (Rogers, 1959/1977): ansiedade ($n=6$), angústia ($n=31$) e vulnerabilidade ($n=7$).

Durante a leitura das obras traduzidas e das tabelas, percebeu-se o seguinte: em “Terapia Centrada no Cliente” (Rogers, 1951/1992), há uma ênfase na dimensão da ansiedade; no artigo “As Condições Necessárias e Suficientes para a Mudança Terapêutica da Personalidade” (Rogers, 1957/2020) ocorre o mesmo peso (de ocorrências) para ambos os

fenômenos; na seção “Teoria e Pesquisa Psicoterapia, no livro *Relações Humanas - Volume 1*” (Rogers, 1959/1977), foca-se mais na dimensão da angústia.

A partir desse cômputo inicial, inferiu-se que tais acentos ocorriam em razão de uma distribuição explicativa teórica da ansiedade (em 1951) e da angústia (em 1959), com equilíbrio em um artigo sobre os procedimentos clínicos centrado no cliente (em 1957). Logo, especulou-se que se, em 1951, Rogers já havia explicado a contento o fenômeno da ansiedade; em 1959, ele contrabalançou isso acentuando o fenômeno da angústia.

Entretanto, após uma releitura das sínteses das ideias psicológicas contidas nas exposições (explicativas e descritivas) dos termos nas obras investigadas, percebeu-se que Rogers empregava os termos ansiedade e angústia como sinônimos. Inferiu-se que isso poderia ser uma questão de tradução e não de uma mudança de nomenclatura definida pelo próprio autor.

Assim, buscaram-se as equivalências explicativas e descritivas nas obras originais de Rogers, a saber: “Client-centered Therapy: Its Current Practice, Implications and Theory” (Rogers, 1951/1992); “The Necessary and Sufficient Conditions of Therapeutic Personality Change” (Rogers, 1957/2020); “A Theory of Therapy, Personality, and Interpersonal Relationships, as Developed in the Client-centered Framework” (Rogers, 1959/1977).

Esta última foi publicada originalmente no terceiro volume do livro “*Psychology, a Study of a Science*”, organizado por Sigmund Koch, em 1959. Posteriormente, este texto foi traduzido em uma versão franco-belga como a seção “*Théorie et Recherche*” (Rogers, 1959/1962), publicado em 1962 na obra “*Psychotherapie et Relations Humaines: Theorie et Pratique de la Therapie Non-directive – Vol.1 Exposé Général*”, em parceria com Marian Kinget, que escreveu a primeira parte deste volume, traduziu o texto original de Rogers – exposta na segunda parte deste volume – e escreveu o segundo volume da obra.

Nesse sentido, a tradução brasileira do texto de Rogers (1959/1977) intitulado “Teoria e Pesquisa”, publicado no livro “Psicoterapia e Relações Humanas - Volume 1”, não advém da versão originária estadunidense, mas da versão franco-belga e, no prefácio desta versão, o editor da coleção, Joseph Nuttin, reconhece a dificuldade de Kinget em traduzir o texto original de Rogers do inglês para o francês (Rogers, 1959/1962). Considerando isso, percebeu-se a fonte do entendimento, presente no cenário brasileiro (Gobbi et al., 2002; Ximenes Neto & Ponte, 2018), de que ansiedade e angústia são termos sinônimos, pois se trata de uma questão de tradução. Para facilitar o entendimento disso, mapeamos o seguinte fluxo de traduções na Tabela 1.

Tabela 1

Fluxo de Traduções dos Termos Anxiety e Vulnerability

Fonte	Rogers, 1959	Rogers, 1959/1962	Rogers, 1959/1977
Termo	Anxiety	Angoisse	Angústia
	Vulnerability	Vulnérabilité	Vulnerabilidade

Em epítome, considerando o texto “A Theory of Therapy, Personality, and Interpersonal Relationships, as Developed in the Client-centered Framework” (Rogers, 1959), *vulnerability* foi traduzido para o francês como *vulnérabilité* e, posteriormente para o português brasileiro como vulnerabilidade. Assim, a versão brasileira emprega o termo em sua acepção vernacular na língua inglesa. No entanto, o termo *anxiety* foi traduzido para o francês como *angoisse*, o que enviesou a tradução brasileira para angústia, termo que não está disponível na versão original em inglês. Apesar disso, após outra análise, destaca-se que as definições dos termos em todas as línguas (Rogers, 1959, 1959/1962, 1959/1977) estão em conformidade com as acepções de que a ansiedade/angústia remete a um tipo de incongruência em que há consciência parcial do objeto da tensão que lhe gera uma ameaça e de que a vulnerabilidade

acena para uma incongruência sem a consciência do seu objeto ou do próprio estado de incongruência.

Portanto, pela literatura rogeriana consultada, nota-se que ansiedade e angústia são termos sinônimos em função de suas definições. Além disso, ressalta-se que as ênfases aludidas pelas ocorrências dos termos ansiedade e angústia nos três textos analisados, na realidade, decorrem dos tradutores e não de Rogers em si. Com base nisso, descartou-se a especulação inicial de que Rogers acentuou a dimensão da angústia em 1959, porque já havia desenvolvido bem o fenômeno da ansiedade, em 1951. A partir desse entendimento, apresentam-se as sínteses elaboradas em cada obra rogeriana publicada em português brasileiro.

Em “Terapia Centrada no Cliente” (Rogers 1951/1992), o termo *ansiedade* remete a uma tensão que desorganiza a personalidade e a terapia lida com a sua diminuição; *angústia* é um termo que aparece em trechos de falas de clientes, os quais expressam o que sentem a partir de sentimentos; *vulnerabilidade/vulnerável* são termos que tratam de experiências que não coadunam com a organização do *self*.

Uma ideia seminal ao que gera tais estados tensionais está exposta na proposição XIV da teoria da personalidade e comportamento em que Rogers (1951/1992) estabelece:

XIV) O desajustamento psicológico [psychological maladjustment] existe quando o organismo nega à consciência experiências sensoriais e viscerais significativas, que conseqüentemente, não são simbolizadas e organizadas na Gestalt da estrutura do self. Quando essa situação ocorre, há uma tensão psicológica básica ou potencial (p. 580, grifos do autor).

Além disso, na proposição XVI, Rogers se apropria dos estudos e da teoria elaborada pelo seu doutorando, Richard Hogan, para descrever o estado da ansiedade como uma reação à ameaça ao *self*. Deste modo: “*XVI) Qualquer experiência incoerente com a organização ou estrutura do self pode ser percebida como ameaça, e quanto mais numerosas forem essas*

percepções, mais rigidamente a estrutura do self é organizada para preservar-se” (Rogers, 1951/1992, p. 585, grifos do autor).

Para exemplificar esse processo, Rogers (1951/1992) se vale literalmente de um trecho da tese de Hogan intitulada “The Development of a Measure of Client Defensiveness in a Counseling Relationship”, defendida na Universidade de Chicago em 1948.

1. A ameaça [*threat*] ocorre quando as experiências são percebidas ou antecipadas, como incoerentes [*incongruent*] com a estrutura do *self*.
2. A ansiedade [*anxiety*] é a resposta afetiva à ameaça.
3. A defesa [*defense*] é uma sequência de comportamentos em resposta à ameaça, cujo meta é a manutenção da estrutura do *self*.
4. A defesa envolve uma negação ou distorção da experiência percebida, para reduzir a incoerência [*incongruity*] entre a experiência e a estrutura do *self*.
5. A consciência da ameaça [*awareness of threat*], mas não a ameaça propriamente dita, é reduzida pelo comportamento defensivo.
6. O comportamento defensivo [*defensive behaviour*] aumenta a suscetibilidade à ameaça, no sentido que experiências negadas ou distorcidas podem ser ameaçadas por percepções recorrentes.
7. A ameaça e a defesa tendem a ressurgir repetidamente em sequência; à medida que essa sequência progride, a atenção é transferida cada vez para mais longe da ameaça original, porém mais experiências são distorcidas e ficam suscetíveis a ameaças.
8. Esta sequência defensiva é limitada pela necessidade de aceitar a realidade (p. 586).

Observa-se que, pelos trechos citados, Rogers atribui a gênese da ansiedade (*anxiety*) a um estado de desajustamento psicológico (*psychological maladjustment*) ou incoerência (*incongruence*) entre a experiência orgânica direta (o que se está sentido no momento) e o que está organizado no *self*. Quando aquilo que o cliente vivencia não corresponde a sua personalidade, ocorre a experiência de algo ameaçador ao *self* e ocorrem mecanismos de defesa

que irão fazer o cliente se afastar do que sente, de modo a negar ou distorcer isso. Pela repetição desse processo, ocorre um afastamento do objeto que gera essa ameaça.

No artigo “As Condições Necessárias e Suficientes para a Mudança Terapêutica da Personalidade” (Rogers, 1957/2020), ansiedade (*anxiety*) e vulnerabilidade (*vulnerability*) são termos que descrevem uma tensão com consciência do objeto (estado de ansiedade) e sem a consciência disso (estado de vulnerabilidade). Em relação à obra anterior, aqui Rogers operacionaliza uma definição direta para os fenômenos da ansiedade e vulnerabilidade e os aloca na segunda condição clínica que remete ao estado tensional de incongruência que afeta o cliente, o leva a buscar ajuda psicológica e é indicativo de sustentar um processo terapêutico. Após a primeira condição (contato entre terapeuta e cliente), cabe ao clínico observar pelas expressões do cliente o seu nível de tensão, expresso como uma incongruência em nível de ansiedade ou de vulnerabilidade. Para o autor:

Incongruência é um construto básico para a teoria que estamos desenvolvendo. Refere-se a uma discrepância entre a experiência real do organismo e a imagem do *self* do indivíduo, até o ponto em que esta representa aquela experiência. (. . .) Portanto, há uma discrepância fundamental entre o significado experienciado da situação, da forma como é registrado por seu organismo e a representação simbólica daquela experiência na consciência, de uma maneira que não entre em conflito com a imagem que ele mantém de si mesmo (p. 148).

Logo, nota-se que a questão da incongruência e suas variações em níveis de ansiedade e vulnerabilidade se trata de uma tomada de consciência sobre o que se passa no organismo e o que se contrasta com a personalidade. Não obstante a isso, ocorrem ainda variações em termos de níveis de percepção, conforme o trecho a seguir (Rogers, 1957/2020).

Quando o indivíduo não está consciente de tal incongruência em si mesmo, a simples possibilidade de ansiedade e desorganização, torna-o vulnerável. Uma determinada

experiência pode ocorrer de maneira tão repentina ou óbvia, que esta incongruência não pode ser negada. Portanto, esta pessoa está vulnerável a tal possibilidade.

Se o indivíduo percebe vagamente tal incongruência em si mesmo, então, um estado de tensão ocorre e é conhecido como ansiedade. A incongruência não precisa ser claramente percebida. Torna-se suficiente uma percepção subliminar dela – ou seja, que ela seja discriminada como ameaçadora para o *self*, sem qualquer consciência do conteúdo dessa ameaça (p. 149).

Neste momento da carreira de Rogers (1957/2020), percebe-se que ele continua a operar com o que estabeleceu nas proposições XIV e XVI de sua teoria da personalidade e do comportamento (Rogers, 1951/1992), citadas anteriormente, pois indica a incongruência (estado de tensão e incoerência que acarreta desajustamentos psicológicos) como o ponto de partida para um estado de ansiedade. Entretanto, em distinção ao texto de 1951, Rogers (1957/2020) emprega mais claramente o termo vulnerabilidade como uma noção. Logo, infere-se que a vulnerabilidade pode ser entendida como um estado crônico do que Rogers (1951/1992) indicou na fase sete (7) do processo de constituição do modo de defesa a uma ameaça à personalidade, conforme o estudo de Hogan. Ou seja, dado o distanciamento do objeto original que gerou a ameaça, no estado de vulnerabilidade não há um objeto claro.

Ainda no artigo sobre as condições necessárias e suficientes para a mudança da personalidade, Rogers (1957/2020) reconhece a dificuldade de tecer uma definição operacional da segunda condição (que o cliente esteja em uma incongruência em nível de vulnerabilidade ou ansiedade). Apesar disso, vale-se do artigo de Bernard Chodorkoff, intitulado “Self-perception, Perpetual Defense, and Adjustment”, publicado em 1954, para demonstrar a possibilidade de uma empiria de acesso à incongruência (*incongruence*) e mensuração de estados conscientes (perceptíveis) e inconscientes (não perceptíveis) de desajuste psicológico (*psychological maladjustment*) pela técnica-Q (*Q-short method*).

Na seção “Teoria e Pesquisa do livro Psicoterapia e Relações Humanas - Volume “1 (Rogers, 1959/1977), permanece-se o mesmo quadro explicativo de ansiedade (na versão brasileira *anxiety* está traduzido como angústia) e vulnerabilidade; porém, ocorre uma articulação com as noções conexas de desacordo interno (*incongruence*), reações à ameaça (*reactions to the threat*) e desajustamento psicológico (*psychological maladjustment*). Observa-se, pois, que Rogers (1959/1977) opera com os elementos explicativos disponíveis nas proposições de XIV e XVI da teoria da personalidade e comportamento (Rogers, 1951/1992) e do estado de incongruência, ansiedade e vulnerabilidade do artigo sobre as condições de mudança de personalidade (Rogers, 1957/2020). Entretanto, na seção aludida, Rogers (1959/1977) organiza isso no item V da lista das noções-chave de sua teoria que estão expressas na alcunha maior desacordo e noções conexas (*incongruence and related constructs*), da qual se desdobram os subitens (noções): desacordo entre o eu e a experiência (*incongruence between self and experience*); vulnerabilidade (*vulnerability*); angústia (*anxiety*); ameaça (*threat*); desajustamento psíquico (*psychological maladjustment*). Além disso, na mesma obra, Rogers (1959/1977) repete as condições necessárias e suficientes para a mudança de personalidade no capítulo IX, que indica a teoria da terapia e da mudança de personalidade, tal como expôs no artigo publicado anteriormente (Rogers, 1957/2020). Salienta-se que nesse capítulo, a noção de *incongruence* foi traduzida como desacordo interno ao invés de incongruência. Ao passo que a condição se encontra assim descrita: “Para que o processo terapêutico se produza é necessário: (. . .) 2. Que a primeira pessoa que designaremos o cliente, se encontre num estado de **desacordo interno**, de **vulnerabilidade** ou **angústia**” (p. 182, grifos do autor).

Em termos explicativos à incongruência e suas noções conexas, segundo Rogers (1959/1977), tem-se os seguintes pontos de elucidação. A incongruência é um desacordo entre

a imagem e conceituação de si mesmo (*self*) e a experiência do que se está vivendo em um dado momento. Ou seja, o que se sente (experiência) não corresponde ao que está organizado na personalidade em termos de imagens, significados e valores. Isso gera uma tensão e confusão interna, tornando alguns comportamentos (expressão do que se sente e significa) incompreensíveis e discordantes (com o que se sente ou significa). Experiência é tudo aquilo que se passa no organismo e está potencialmente disponível para se tornar consciente desde que se figure na percepção. Consciência se trata da função de se voltar para o que se sente e simbolizar isso. Comportamento é a expressão disso no ambiente. O conjunto de retenções de experiências e simbolizações dela provocam uma ideia e imagem de si mesmo que se organiza como uma personalidade (*self*).

Logo, a incongruência é um desacordo entre: a experiência (sentir), a consciência (significar) e o comportamento (agir); a experiência orgâsmica direta (o que se vivencia em um dado momento) e a organização de si mesmo (*self*). A vulnerabilidade (*vulnerability*) é uma desorganização psicológica desdobrada dessa tensão. Porém, ela acontece sem que a pessoa se dê conta disso. Ocorre, pois, uma experiência de tensão sem uma consciência clara do seu objeto. A angústia (no original *anxiety*) se trata de uma tensão que, de um ponto de vista fenomenológico (interno), a pessoa desconhece a causa, mas que, quando começa a se voltar para isso e toma consciência do que lhe está acontecendo, inicia uma transição de um estado subceptivo para um estado de percepção discriminada para o que lhe ocorre, incorrendo em uma mudança na organização do conceito de si mesmo (Rogers, 1959/1977).

Em uma versão externa ao estado de angústia (*anxiety*), a ameaça (*threat*) indica quando a pessoa já apresenta um estado de maior contato com a experiência e o que sucede dela em termo de tomada de consciência (total ou parcial) de sua incongruência (Rogers, 1959/1977).

Esta explicação está condizente ao que Rogers (1957/2020) estabeleceu como incongruência no artigo sobre as condições terapêuticas de mudança de personalidade.

O desajustamento psicológico (*psychological maladjustment*) se manifesta quando o organismo deforma (distorce) ou intercepta (nega) experiências à consciência, que são simbolizadas de forma imprecisa e que não correspondem ao que está organizado na *Gestalt* de si mesmo, ocasionando uma incongruência entre o *self* e a experiência (Rogers, 1959/1977). Essa definição corresponde à proposição XIV da teoria da personalidade e comportamento (Rogers, 1951/1992).

Em síntese, em avanço aos textos anteriores (Rogers, 1951/1992; 1957/2020), Rogers (1959/1977) aprofunda os graus de tensão em pontos de vista interno e externo ao cliente. Se o cliente estiver em um estado de incongruência entre o *self* e a experiência e não está consciente dessa discrepância, e o terapeuta vê isso de um ponto de vista externo, observa-se uma vulnerabilidade. Caso este cliente esteja consciente disso, em algum grau, e o terapeuta observa isso, entende-se que o cliente está em estado de ameaça. Em uma perspectiva social, quando observada essa incongruência, percebe-se um desajuste psicológico (*psychological maladjustment*). De um ponto de vista interno ao cliente, se ele estiver visualizando a si mesmo sem a consciência dessa incongruência, irá se perceber como uma pessoa ajustada; porém, se ele perceber, ainda que vagamente, essa incongruência, irá se sentir ansioso (*anxious*) ou ameaçado (*threatened*); caso a mencionada discrepância se impuser à consciência do cliente, ele se sentirá desorganizado (*disorganized*).

No que concerne à análise das referências consultadas por Rogers (1959/1977) para compor a seção que explica o desacordo e noções conexas (*incongruence and related constructs*), não há indicação de fontes nessa parte. Contudo, considerando que Rogers, em um momento maduro de sistematização, incorporou elementos presentes nos textos de 1951 e

1957, pode-se inferir que a influência teórica de Hogan e a indicação das evidências empíricas de Chodorkoff estejam presentes implicitamente.

Ainda nessa análise, observa-se que na noção de angústia (*anxiety*) há uma conexão com a noção de *subcepção* (*subception*) pelo trecho: “A angústia [*anxiety*] constitui a reação do organismo à ‘subcepção’ deste estado de desacordo [*discrepancy*] e ao perigo de tomada de consciência – que exigiria uma modificação da estrutura do eu” (Rogers, 1959/1977, p. 170). A noção de subcepção (*subception*) foi cunhada por Robert McCleary e Richard Lazarus e está contida na obra rogeriana pela referência ao estudo intitulado “Autonomic Discrimination Without Awareness”, publicado em 1949. Trata-se de um estudo experimental que comprova que o indivíduo é capaz de fazer discriminações perceptuais em níveis neurológicos inferiores ao que lhe está visualmente disposto e reconhecido/simbolizado conscientemente. Rogers (1959/1977) se apropria desse estudo para afirmar que, no contexto de sua teoria, a *subcepção*: “explica a capacidade do indivíduo para distinguir o caráter ameaçador [*threatening*] de uma experiência sem ter pleno conhecimento deste caráter ameaçador [*without symbolization in awareness of this threat*]” (p. 164).

Finalmente, pelo exposto, é possível notar que, durante a década de 1950, Rogers avançou conceitualmente em sua teoria que explica a desorganização da personalidade, no que se pode alcinhar como um quadro tensional. Ou seja, se Rogers (1959, 1959/1977) nomeou a estrutura geral do seu pensamento sistemático (*The general structure of our systematic thinking*) a partir de um quadro de trabalho (*framework*), é possível inferir que tal trabalho (teórico e prático) se destina, fundamentalmente, a dar conta de fenômenos tensionais e o que emerge deles.

Discussão

Neste tópico, a partir do que foi exposto nos resultados obtidos pelo método de pesquisa conceitual em Psicologia, parte-se para uma análise mais externalista ao pensamento de Rogers de modo a ponderar alguns aspectos contextuais sobre ele.

Pela análise empreendida sobre as fontes que compuseram as incorporações e explicações de Rogers sobre as noções versadas por este estudo conceitual, sintetiza-se o seguinte. Hogan apresenta definições baseadas em um estudo doutoral que foi orientado por Rogers na Universidade de Chicago. A partir de entrevistas a clientes, Hogan (1952)⁴ mensurou e escalonou elementos que geram uma ameaça ao *self*, despertam uma ansiedade e culminam em um modo de defesa. Rogers se apropria do estudo de Chodorkoff (1954) que usou a Técnica Q. Este é um instrumento (inventário) desenvolvido por William Stephenson na Universidade de Chicago, local onde Rogers trabalhou entre 1945-1957 (Castelo-Branco, 2022), composto por vários itens autorreferentes para medir processos de mudança de personalidade. A pesquisa de Chodorkoff (1954) e o instrumento desenvolvido por Stephenson não partem de um referencial clínico centrado no cliente, mas Rogers se apropria dos resultados da pesquisa clínica empreendida por aquele autor para indicar a evidência de um fator terapêutico positivo que remete à diminuição do estado de incongruência entre o *self* e a experiência. Lazarus e McCleary (1951), também, não partem de um referencial centrado no cliente, e apresentam os resultados de um estudo experimental sobre a velocidade de exposição de indivíduos a um taquistoscópio (aparelho que examina a velocidade de percepção visual a partir de estímulos projetivos).

⁴ Não foi possível acessar a tese de Hogan, defendida em 1948, que Rogers citou e referiu. Contudo, é possível acessar uma parte desse material em um capítulo que Hogan (1952) publicou em uma coleção de estudos sobre personalidade e sucesso em psicoterapia.

Em suma, Rogers se apropria de um referencial empírico de pesquisas clínicas sobre personalidade, avaliação da efetividade da psicoterapia e um estudo experimental sobre a percepção para compor as noções aprofundadas nesta pesquisa conceitual. Destarte, Rogers se insere em um contexto estadunidense de ideias psicológicas de influência personalista (estudos e intervenções sobre o *self*) e Gestáltica (estudos experimentais que objetivam obter princípios sobre a percepção) (Castelo-Branco, 2019).

Além disso, nas explicações rogerianas sobre os fenômenos da ansiedade e vulnerabilidade, que partem da incongruência (Rogers, 1957/2020) e do desajustamento psicológico (Rogers, 1951/1992), observa-se que há uma influência funcionalista ao tratar tais fenômenos e noções a partir de estados tensionais entre a experiência organísmica e o *self*. No que concerne ao *self*, Rogers (1951/1992; 1959/1977) acena para questões ambientais (demandas externas com outros *selves* e contexto social) que irão fomentar a organização da personalidade, sua desorganização (a partir de tensões) e reorganização (a partir da psicoterapia). Basicamente, os textos estudados estão situados em um contexto de trabalho em que Rogers substancialmente consolidou a terapia centrada no cliente na Universidade de Chicago, onde trabalhou de 1945 a 1957, que foi um importante centro funcionalista (Castelo-Branco & Cirino, 2016). Ainda que o texto “A Theory of Therapy, Personality, and Interpersonal Relationships, as Developed in the Client-centered Framework” (Rogers, 1959) esteja publicado em um período em que Rogers estava trabalhando na Universidade de Wisconsin (entre 1957-1963), o que ele sistematizou está fundamentado e amparado pelos anos em Chicago.

Em termos funcionalistas, as tensões entre organismo e ambiente foram (re)pensadas à luz de conflitos entre as demandas individuais e as demandas sociais, tal como Rogers (1948) apontou em um texto que argumenta o foco do aconselhamento centrado no cliente. Entretanto,

foi na década de 1950, que ele formulou uma teoria que explicou as desorganizações da personalidade a partir de tais tensões, indicando que o foco do que, então, nomeou como terapia centrada no cliente era a mudança de personalidade (Rogers, 1951; 1957).

Pelas leituras das principais obras clínicas de Rogers (1951/1992; 1957/2020; 1959/1977) disponíveis na língua portuguesa brasileira, é possível perceber problemas de tradução. Em um contexto nacional em que, por razões de letramento e acesso, não se tem o hábito de leitura das obras originais em sua língua vernacular, tais obras são a via principal de acesso ao conhecimento de Rogers por parte de estudantes e profissionais. Somam-se a isso as dificuldades de tradução de livros estrangeiros para o português brasileiro, dado que esse trabalho nem sempre é realizado ou revisado por profissionais da área do texto traduzido (Lopes & Laurenti, 2023). Logo, eis o motivo das traduções de alguns textos rogerianos conterem erros ou empregarem variadas nomenclaturas que remetem a um único conceito. Ademais, as diferentes traduções não foram realizadas por um mesmo tradutor ou grupo de tradutores, deixando-se a decisão de tradução dos termos para razões pessoais; tampouco, não houve uma tradição de leitura crítica da obra rogeriana que pudesse apontar, em tempo hábil, tais erros. Este cenário pode incorrer em entendimentos equivocados sobre certas noções rogerianas; confusões sobre qual termo deve ser utilizado; dúvidas se realmente o termo lido acena para um quadro conceitual mais robusto; interpretações ou leituras meta-rogerianas que explicam um conceito a partir de referenciais epistemológicos e teóricos não advindos de Rogers. Segue-se um exemplo disso.

No livro “Vocabulário e Noções Básicas da Abordagem Centrada na Pessoa” (Gobbi, et al., 2002), que pode ser entendido como um dicionário brasileiro sobre Rogers, consta o termo “angústia” (p. 51-52), associando-o ao conceito de *ansiedade* e reconhecendo ambos como sinônimos. Relembra-se que nos escritos rogerianos originais em inglês, inexistente o termo

angústia (*anguish*), e que esta tradução adveio da versão franco-belga de um texto de Rogers (1959/1962).

Embora, no dicionário mencionado, a explicação do conceito esteja condizente a ideia de Rogers, ao final do seu tópico há um indicativo de que a noção rogeriana de angústia pode ser relacionada às filosofias fenomenológicas e existenciais, conforme o trecho a seguir.

Do ponto de vista filosófico, o conceito de angústia é central para o **Existencialismo**, um dos fundamentos filosóficos da Abordagem Centrada na Pessoa. No pensamento de **Kierkegaard**, ela representa o estado de inquietude proveniente do pressentimento do pecado e da responsabilidade, sendo o sentimento básico do ser humano enquanto ser existente. Em **Heidegger** é o produto do ser existente, ou seja, o ser que é lançado no mundo e que, diante do nada, se percebe inseguro enquanto um ser é ser-para-a-morte. O tema da angústia é mais central, contudo, no pensamento de **Sartre** que é designativa da ‘consciência da responsabilidade universal engajada por cada um de nossos atos’ (Japiassu & Marcondes, 1990), ou seja, é o sentimento sentido diante de si mesmo, ao contrário do medo que é sentido diante dos seres do mundo (Gobbi et al., 2002, p. 23, grifos dos autores).

Ressalta-se que as palavras destacadas nesse trecho são termos e filósofos que estão disponíveis para ser acessados em outras partes do dicionário em tela. Em comparação ao que foi exposto nos resultados dessa pesquisa conceitual e considerando o que foi discutido em relação ao contexto personalista, gestaltista e funcionalista em que Rogers esteve inserido para compor os conceitos estudados, percebe-se que a tradução de *anxiety* (ansiedade) como *angústia* pode incorrer em entendimentos meta-rogerianos que estão fora do quadro teórico e contextual que o autor perfilhou suas ideias psicológicas. Salienta-se que a noção rogeriana de ansiedade (*anxiety*) não se trata de uma discussão ontológica, tal como o trecho citado alude, mas remete a uma explicação advinda de estados tensionais, discrepâncias entre organismo e

self e graus de percepção sobre isso. Além disso, a definição rogeriana de ansiedade não se aproxima de um referencial psicopatológico fenomenológico que entende esse fenômeno, sobretudo, a partir de alterações de vivências de tempo (temporalidade) que podem ser atreladas a diversos transtornos (Souza & Moreira, 2022).

Considerando que a edificação da teoria e prática da terapia centrada no cliente ocorreu entre 1945-1963 (Castelo-Branco, 2019), com as principais elaborações teóricas sobre a personalidade nos textos investigados (Rogers, 1951/1992; 1957/2020; 1959/1977), após a aposentadoria da vida universitária, em 1964, Rogers deixou de empreender pesquisas clínicas sobre a mudança de personalidade e, também, parou de operar com as noções de ansiedade e vulnerabilidade. Nas décadas de 1960-1980, Rogers se focou em práticas que mais enfatizavam as atitudes de congruência, consideração positiva incondicional e compreensão empática, para facilitar processos terapêuticos grupais e educacionais fora do contexto clínico (Castelo-Branco, 2019; 2022). Logo, a personalidade e as suas desorganizações não eram mais elementos a serem investigados e abordados clinicamente. Isso talvez explique o motivo de tais conceitos não terem sido aprofundados nas obras de Rogers (1969/1978; 1977/2001; 1970/2002; 1983/1985) representativas aos seus trabalhos de grupos de encontro e de ensino centrado no estudante.

Contudo, observa-se que Rogers (1987) continuou a desenvolver uma elaboração teórica que expressa como a sua proposta terapêutica grupal enfatiza a redução de tensão entre grupos antagônicos, e que isso remete aos seus trabalhos que datam desde 1948 – época do aconselhamento centrado no cliente, posteriormente, desenvolvido como terapia centrada no cliente, nos anos de 1950. Logo, há um legado rogeriano que é profícuo para entender os elementos tensionais que culminam na desorganização da personalidade e nos conflitos intergrupais.

Considerações Finais

Considera-se que a inspiração metodológica da pesquisa conceitual em Psicologia aplicada à teoria de Rogers favoreceu tanto o entendimento quanto o aprofundamento das noções de ansiedade e de vulnerabilidade e o que se desdobrou conceitualmente disso pelas noções de incongruência, ameaça, desajustamento psicológico e subcepção. Salienta-se que a elucidação dessas noções, em uma visada mais internalista ao Rogers da década de 1950, não substitui ou anula as diversas possibilidades de reinterpretação e reformulação desses aportes teóricos. Ainda assim, tal recorte temporal se trata de uma limitação deste estudo, dado que Rogers, em seus trabalhos grupais desenvolvidos nas décadas seguintes, continuou pensando e desenvolvendo práticas para tentar resolver situações de tensões advindas de conflitos intergrupais. Outra limitação concerne a necessidade de maior aprofundamento e descrição sobre os aspectos funcionalistas/pragmatistas, gestaltistas e personalistas presentes na forma como Rogers organizou sua exposição teórica sobre os fenômenos da ansiedade e vulnerabilidade. Estudos teóricos e conceituais sobre tais limites devem ser desenvolvidos.

Destaca-se que a senda teórica em que esta pesquisa conceitual foi desenvolvida recai em uma interpretação que usa os próprios textos de Rogers para explicar os fenômenos clínicos em tela. Espera-se, pois, que essa pesquisa teórica possibilite suporte para pesquisas empíricas que usem o referencial rogeriano.

Conclui-se que as noções de ansiedade e vulnerabilidade estão disponíveis para serem repensadas e atualizadas segundo as contendas contemporâneas. Portanto, resta perguntar: essas noções, ainda, são relevantes para pensar um quadro de trabalho clínico com implicações à psicoterapia centrada na pessoa?

Referências

- Almeida, L. (2009). Consideração Positiva Incondicional no sistema teórico de Carl Rogers. *Temas em Psicologia*, 17(1), 177–190. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100015
- Castelo-Branco, P. (2019). *Fundamentos epistemológicos da abordagem centrada na pessoa*. Via Verita.
- Castelo-Branco, P. (2022). As pesquisas clínicas coordenadas por Carl Rogers: Apontamentos metodológicos e repercussões. *Psicologia em Pesquisa*, 16(2), 01–24. <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2022.v16.31533>
- Castelo-Branco, P., & Cirino, S. (2016). Funcionalismo e pragmatismo na teoria De Carl Rogers: Apontamentos históricos. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 22(1), 12–20. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000100003&lng=pt&tlng=pt
- Chodorkoff, B. (1954). Self-perception, perceptual defense, and adjustment. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 49(4, Pt.1), 508–512. <https://doi.org/10.1037/h0055409>
- Fontgalland, R., & Moreira, V. (2012). Da empatia à compreensão empática: Evolução do conceito no pensamento de Carl Rogers. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 23, 32–56. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2012.6554>
- Gobbi, S., Missel, S., Justo, H., & Holanda, A. (2002). *Vocabulário e noções básicas da abordagem centrada na pessoa* (2a ed). Vetor.

-
- Hogan, R. (1952). A measure of client defensiveness. In W. Wolff & J. A. Precker (Eds.), *Personality monographs, Vol. 3. Success in psychotherapy* (pp. 112–142). Grune & Stratton. <https://doi.org/10.1037/10765-005>
- Laurenti, C., & Lopes, C. (2016). Metodologia da pesquisa conceitual em Psicologia. In C. Laurenti., C. Lopes., & S. Araújo (Orgs.), *Pesquisa teórica em Psicologia: Aspectos filosóficos e metodológicos* (pp. 41-69). Hogrefe.
- Lazarus, R., & McCleary, R. (1951). Autonomic discrimination without awareness: a study of subception. *Psychological Review*, 58(2), 113–122. <https://doi.org/10.1037/h0054104>
- Lopes, C., & Laurenti, C. (2023). Sobre a tradução brasileira de Science and Human Behavior. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 14(2), 048–057. <https://doi.org/10.18761/shb047023>
- Miranda, E. (2021). Conceitos e aplicabilidades da Pré-terapia em pessoas com transtorno mental e comportamental. In W. Parreira & E. Miranda (Orgs.), *Fundamentos e aplicações da abordagem centrada na pessoa e da psicoterapia experiencial* (pp. 41–97). Editora Artesã.
- Rogers, C. (1948). *Dealing with social tensions: A presentation of client-centered counseling as a means of handling interpersonal conflicts*. Hinds, Hayden and Eldredge.
- Rogers, C. (1951). *Client-centered therapy: its current practice, implications, and theory*. Houghton Mifflin.
- Rogers, C. (1957). The necessary and sufficient conditions of therapeutic personality change. *Journal of Consulting Psychology*, 21(2), 95–103. <https://doi.org/10.1037/h0045357>
- Rogers, C. (1959). A theory of therapy, personality, and interpersonal relationships, as developed in the client-centered framework. In S. Koch (Org), *Psychology: A study of a science* (Vol. 3., pp. 183–256). McGraw-Hill.

-
- Rogers, C. (1962). Théorie et recherche. In Rogers & M. Kinget (Eds.), *Psychotherapie et relations humaines: Theorie et pratique de la therapie non-directive – Vol.1 Exposé Général* (pp. 154–317., M. Kinget, Trad.). Publications Universitaires. (Original publicado em 1959).
- Rogers, C. (1977). Teoria e pesquisa. In C. Rogers & M. Kinget (Eds.), *Psicoterapia e relações humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva - Volume 1* (pp. 143–282., Bizottoi, M., Trad.) Interlivros. (Original publicado em 1959).
- Rogers, C. (1992). *Terapia centrada no cliente* (C. Bartalotti, Trad.). Martins Fontes. (Original publicado em 1951).
- Rogers, C. (1978). *Liberdade para aprender* (E. Machado & M. Andrade, Trans.). Interlivros. (Originalmente publicado em 1969).
- Rogers, C. (1985). *Liberdade de aprender em nossa década* (J. Abreu, Trad.). Artes Médicas. (Originalmente publicado em 1983).
- Rogers, C. (1987). Steps toward peace, 1948–1986: Tension reduction in theory and practice. *Counseling and Values*, 32(1), 12–16. <https://doi.org/10.1002/j.2161-007X.1987.tb00686.x>
- Rogers, C. (2001). *Sobre o poder pessoal* (W. Penteado, Trad.). Martins Fontes. (Original publicado em 1977).
- Rogers, C. (2002). *Grupos de encontro* (J. Proença, Trad.). Martins Fontes. (Original publicado em 1970).
- Rogers, C. (2020). As condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica da personalidade. In J. Wood et al. (Orgs.). *Abordagem centrada na pessoa* (pp. 144–164). Companhia Ilimitada. (Original publicado em 1957).

-
- Souza, C., & Moreira, V. (2022). O tempo vivido na ansiedade entrelaçada à esquizofrenia. In M. Tamelini & G. Messas (Orgs.), *Fundamentos de clínica fenomenológica* (pp. 241–259). Manole Editora.
- Ximenes Neto, A., & Ponte, C. (2018). A compreensão de angústia na psicoterapia de Carl R. Rogers: Breve estudo. *Revista do NUFEN*, 10(1), 22–37.
[https://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol10\(1\).n04artigo23](https://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol10(1).n04artigo23)